



4737 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)  
GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

PANORAMA DE ANCORAGEM TEÓRICA EM ALFABETIZAÇÃO COM BASE NO DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA (BRASIL ? LATTES)

Maria Aparecida Lapa de Aguiar - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina  
Agência e/ou Instituição Financiadora: PIBIC

**PANORAMA DE ANCORAGEM TEÓRICA EM ALFABETIZAÇÃO  
COM BASE NO DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA  
(BRASIL - LATTES)**

**RESUMO**

O trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa na área de alfabetização e propõe como **objetivo geral** mapear os grupos certificados no Diretório dos Grupos de Pesquisa (Brasil – Lattes), na busca de identificar a ancoragem teórica que os sustentam. A **metodologia** se pauta em levantamento desses dados, com base no descritor “Alfabetização”, com filtro para o nome do grupo e das áreas de Ciências Humanas e Linguística. Foram encontrados 33 registros e procedeu-se a uma categorização, restando o total de 25 grupos. **A investigação, ainda em andamento**, vem analisando resumos de teses e dissertações de alguns desses grupos e na aproximação com esses resumos, constata-se uma ancoragem teórica que se vale de conceitos vygotkianos (abordagem histórico-cultural) e de aportes bakhtinianos (Teoria da Enunciação). Como se trata de pesquisa em andamento, enfatiza-se que os achados ainda são preliminares, não podendo ser considerados nesse momento como determinantes das tendências de tais grupos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização – Grupos de Pesquisa – Ancoragem teórica

**INTRODUÇÃO**

O presente artigo resulta de pesquisa que vem sendo desenvolvida desde 2017<sup>[1]</sup> e se pauta na necessidade de aprofundamento sobre questões que vêm mobilizando minha trajetória profissional e acadêmica há muitos anos e que, de certa forma, guardam raízes nas inquietações colocadas em minha inserção em escolas, tanto como professora que fui dos anos iniciais, quanto como formadora de professores em serviço em redes de ensino públicas e também como professora na formação inicial em cursos de Pedagogia.

Assim, nesse trabalho apresenta-se resultados parciais de pesquisa na área de alfabetização e propõe-se como **objetivo geral** mapear os grupos certificados no Diretório dos Grupos de Pesquisa (Brasil – Lattes), na busca de identificar a ancoragem teórica que os sustentam. Como **objetivos específicos** pretende-se levantar, por meio de descritores, os grupos de pesquisa voltados para a alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental certificados no portal do CNPq e verificar, por meio do acesso a resumos de teses e dissertações no banco de dados da CAPES, a ancoragem teórica que lhes dão suporte.

A seguir, fazemos algumas reflexões relacionadas à temática da alfabetização e, posteriormente, relatamos a metodologia e apresentamos considerações preliminares.

**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O que nos leva ainda a querer investigar a temática alfabetização? O que nos mobiliza? São os discursos em torno de uma escola que ainda não cumpre o que é básico? Se é isto, por que não cumpre? A quem interessa que cumpra ou não? Que contradições se fazem presentes quando se pensa criança-escola-aprendizagem da leitura e escrita? Que abordagem teórica pode nos ajudar a “ler” melhor o contexto educacional na sua relação com o contexto socioeconômico na busca de respostas, ou pelo menos pistas para a atuação docente?

Essas são perguntas iniciais que estão sempre presentes dentre tantas outras que compõe o campo da atuação de investigadores/as-docentes sobre o espaço institucional “escola”. Para Goulart (2012, p. 295),

As mudanças educacionais somente se tornam efetivas, se provocam a transformação nos processos de alfabetização e na sociedade. Embora reconheçamos mudanças sociais, precisamos continuar lutando para que a transformação envolva a sociedade como um todo, sabedores de que as tensões sempre existiram e existirão, mas a dificuldade de priorizar verdadeiramente a educação e os professores tem sido muito grande. Essa dificuldade continua abrindo espaço para a fragilização da educação, sobretudo a pública, e dos profissionais e alunos que nela atuam, através de propostas e materiais que subjugam a autonomia e o conhecimento destas mesmas pessoas. Esse fenômeno está aliado a um uso instrumental e restrito da escrita, não possibilitando aos sujeitos a transformação do modo de inserção e participação no mundo letrado, isto é, uma mudança em suas condições político-sociais; ao contrário, está criando a ilusão da alfabetização para parcela expressiva da população.

O que buscamos quando pesquisamos aspectos relacionados à alfabetização, suas demandas nos vários momentos históricos do contexto brasileiro, não podem ser entendidos definitivamente sem considerarmos as políticas educacionais de modo geral e suas orientações mais específicas para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Não há neutralidade nas escolhas que se fazem influenciadas pelas políticas educacionais e não poderemos compreender o fenômeno “alfabetização” sem aprofundar outras facetas e, dentre elas, a trajetória das políticas educacionais “traduzidas” nos programas de formação de professores (inicial e continuada).

O ato de ensinar e aprender a escrita tem consequências distintas e a depender de tantos outros fatores pode também ter sentidos diferenciados. Quais sentidos desejamos defender quando optamos por um caminho e não por outro? Por uma abordagem teórica e não outra? As perguntas são inúmeras e as respostas também o são. Na perspectiva Bakhtiniana (BAKHTIN, 2003, p. 319),

A investigação se torna interrogação e conversa, isto é, diálogo. Nós não perguntamos à natureza e ela não nos responde. Colocamos as perguntas para nós mesmos e de certo modo organizamos a observação ou a experiência para obtermos a resposta. Quando estudamos o homem, procuramos e encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado.

Não há como pensar nessa escola, nesse aprendizado inicial da escrita e leitura sem remeter a discussões já bastante enfatizadas ao longo de muitas décadas em torno das dificuldades que encontramos de propiciar às crianças o que lhes é de direito, dentre tantos outros, o direito de aprender a ler e escrever. Nas palavras de Gontijo (2014, p. 68-69),

O fracasso escolar é um problema antigo. E antiga também é a tendência daqueles que determinam os rumos da educação, que atribuem à escola e à formação de professores a responsabilidade por esse fracasso. Mesmo apontando que os problemas são mais críticos nas regiões Norte e Nordeste e nas áreas rurais e, portanto, que ocorre predominantemente entre as parcelas mais empobrecidas da população e, conseqüentemente, onde as desigualdades sociais são mais fortes, esse fator não é levado em conta como causa do fracasso escolar. Considerá-lo implicaria a necessidade de discutir e propor mudanças que atingem a estrutura social e econômica da sociedade brasileira, o que parece difícil, tendo em vista os compromissos políticos assumidos pelo governo federal. Assim, a responsabilidade recai exclusivamente na escola e, portanto, na incapacidade de os professores (pois são eles que constituem a instituição escolar) atender às necessidades básicas de aprendizagem dos educandos.

Portanto, já de antemão, precisaremos voltar nosso olhar para o processo de aprender a ler e escrever como complexo e multifacetado, influenciado por fatores de diversas ordens e, dentre eles, a condição socioeconômica em que os sujeitos crianças e docentes se inserem.

Nesse contexto, pesquisar sobre alfabetização leva-nos a refletir sobre por que as políticas mundiais para a educação vem centrando força na alfabetização das crianças? Que sentidos e perspectivas vem apontando? Por que alguns arcabouços teóricos que sustentam as discussões sobre alfabetização se sobressaem e outros tantos são invisibilizados? Como e por que as políticas nacionais vão dando corpo, voz e poder a determinadas abordagens em seus documentos oficiais em detrimento de outras? Quais tendências teóricas e metodológicas se põem como vanguarda na contemporaneidade? Quais contradições fazem parte desse processo?

Defendemos a linguagem como interação humana, ou seja, concebida na relação do ser humano com a vida, com o trabalho de apropriação do que lhe rodeia, que lhe torna o que é nas relações com os outros seres humanos. Assim, a linguagem não é imutável, não foi sempre assim, não nasce pronta, não é apenas uma questão neurológica, é ideológica em sua base. Ela se dá nas e pelas relações intersubjetivas que vão se constituindo intrasubjetivas, é o suporte da própria formação da consciência. (VYGOTSKI, [1934] 1993).

Nas palavras de Bakhtin (2003, p. 292), “Só o contato do significado linguístico com a realidade concreta, só o contato da língua com a realidade, o qual se dá no enunciado, gera a centelha da expressão: esta não existe nem no sistema de língua nem na realidade objetiva existente fora de nós.”

Portanto, com essa investigação, que se centrará no que os grupos de pesquisa apontam como ancoragem teórica para a temática da alfabetização, procurar-se-á buscar as tendências, os contrapontos, as contradições que são próprias do movimento da pesquisa na ambiência espaço/temporal em que esta se constitui.

## CAMINHO METODOLÓGICO

A metodologia para essa pesquisa pautou-se em levantamento de dados produzidos e divulgados no portal do Diretório dos Grupos de Pesquisa (Brasil Lattes).

A princípio, recorreu-se ao descritor “Alfabetização” com filtro para o nome do grupo e de duas grandes áreas: Ciências Humanas e Linguística. Foram encontrados 33 registros e procedeu-se a uma categorização, na intenção de separar aqueles que interessavam diretamente para o foco da pesquisa, restando o total de 25 grupos.

Em uma outra etapa, pretende-se verificar quais conceitos esses grupos de pesquisa defendem, relacionados ao ensino e aprendizagem da alfabetização pelo arcabouço teórico apontado nos resumos de suas publicações de teses e dissertações.

## ANÁLISES PRELIMINARES

Com base no mapeamento realizado já podemos inferir que o termo “alfabetização” recebe sentidos diferenciados e em outras áreas pode vir a significar uma “iniciação” em determinado assunto ou conceito. (Ex.: alfabetização científica, tecnológica...), o que merece certa consideração em relação à amplitude desse termo e, por isso, algumas pesquisas foram descartadas da análise por tratar de outros temas que não necessariamente o ensino da leitura e escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que é o nosso foco.

Ao nos aproximarmos dos resumos de teses e dissertações produzidas por alguns desses grupos, constatamos uma ancoragem teórica que se vale dos conceitos vygotksianos (abordagem histórico-cultural) e dos aportes bakhtinianos (Teoria da Enunciação), apenas para mencionar duas importantes abordagens teóricas encontradas.

Como se trata de pesquisa em andamento, enfatizamos que nossos achados ainda são preliminares e não podemos considerá-los nesse momento como determinantes das tendências dos grupos.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GONTIJO, C. M. M. **Alfabetização: políticas mundiais e movimentos nacionais**. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

GOULART, C. M. A. Aspectos da história da alfabetização na rede escolar municipal de Niterói/RJ: problematizando questões teórico-metodológicas. In: MORTATTI, M. do R. L. (org.). **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. 2 ed. São Paulo: editora Unesp; Marília, SP: Oficina Universitária, 2012. (283-299). <https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/alfabetizacao.pdf>

VYGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas II**. (Incluye Pensamiento y Lenguaje - Conferências sobre Psicología. Madrid: Visor, 1993.

Obs.: Ao ser transportado para a plataforma o texto perdeu sua formatação original. (Parágrafos e espaçamentos para as citações longas).

[1] Decorrente dessa pesquisa já temos como produto um Trabalho de Conclusão de Curso, elaborado pela bolsista de Iniciação Científica (PIBIC 2018), acerca da produção de teses e dissertações de um grupo de pesquisa específico, um artigo no prelo como síntese desse mesmo trabalho e a continuidade da pesquisa a partir de outro descritor, no caso "linguagem", que já se encontra em andamento pela Bolsista PIBIC (2019).